

236

COTIDIANO INFANTIL : UMA ESCRILEITURA COM BLANCHOT. *Marcos da Rocha Oliveira, Sandra Mara Corazza (orient.) (UFRGS).*

Uma leitura que adquire um funcionamento anagnosológico no instante em que a escreitura se faz. “A fala cotidiana” de Maurice Blanchot passa a servir a um projeto que a extrapola e esgota: afirmar as forças do Fora, tornando-se uma afirmação rumorejante, pois o cotidiano, por princípio, distrai-se do passado e do futuro. O cotidiano é composto por sorrisos sem rosto, coisas sem nome: nem rosto e nem coisa, mas exatamente suas suspensões; se há um lugar próprio ao infantil este não se encontra no aconchego dos lares, na certeza das bibliotecas, nem mesmo nos projetos das escolas: mas, sim, no deserto das ruas anônimas, no movimento por corredores de portas incertas. Negligenciamos o tempo da infância já conhecida por todos, e afirmamos o cotidiano como a repetição do começo. É neste tempo que colocamos a linguagem em crise, distanciando-nos da forma-infância e das verdades pedagógicas expressas pela literatura educacional maior. Inconformar-se com a linguagem reinante, fazer valer o primado infantil, pôr em crise a escrita maior é, através da crítica-escreitura, sacudir os lugares comuns, os clichês pedagógicos e a linguagem que se entende como natural.